

Ímpar

Renato Rezende

para Gurumayi, com gratidão

Plano de Desaparecimento

O ESPELHO

Vindo, no caminho, estão
todas as coisas que percebo, tudo
o que toco,
sinto
e vejo:
frutos do meu próprio pensamento.

Delas, uma a uma, me despeço
como num último, íntimo beijo.

Em mim,
a sombra de todos os vultos, lago
límpido, espelho
do céu e das nuvens
que passam;

do qual limpo
as imagens que turvam o fundo,
e que me unem ao mundo
pelo desejo.

Também eu
desapareço

na superfície, sem deixar vestígios

SURJO

CEGO, SURDO E MUDO

Ver outra vez com os mesmos olhos
o mil vezes visto e revisto?
Por que
caminhar sem fim na planície,
ouvir com os antigos ouvidos
os mesmos ruídos e vozes
sem respostas, as velhas melodias tristes,
falar com novas palavras e versos
o mil vezes dito
e sempre mal compreendido; enfim
por que buscar o corpo do outro
para um amor sem muito sentido
ou um gozo breve e tosco?
Não quero nada disso; quero o vazio
que traga o novo.

RUÍNAS

Algo me prende ainda
à vida

e espero que passe.

Algo me prende à vida—é o amor
e a arte;

e espero que logo passem.

OUTROS DIAS

Eu sou o melhor amigo para mim mesmo.
Os dias passam, e esse fluir, lento,
que se espraia, e se abre, e quase pára
é a via que vai me tirar daqui.
De vez em quando escrevo um poema.

ÁGUAS

Passam pássaros longínquos
no alto da órbita azul de Copa.

Desde a praia eu os olho.
Não
haverá mais nada a fazer.

*O corpo flutua sobre as águas
claras, que aos poucos
entram pelo nariz, pela boca,
sem que sequer sinta ou se mova.*

Nada passado pelas retinas,
ou pelos ouvidos, degustado,
nada escrito,
nenhum sentido
terá serventia.

Findo Amor

SOLTA

Quando a música mais doce chegar,
o murmúrio do gozo
da amada
a se contorcer contra o seu corpo,
não faça nada
que de cor já saiba.
A mente calada
colada no calor do outro
abre a porta
para o salto.

AGORA: SALTA!

DECONSTRUÇÃO DA AMADA

O corpo da amada
não parece ser carne
como os outros;
e mesmo o que ela come e caga
está impregnado
por uma aura sagrada
como se fosse tudo olhos
amorosos, e alma.

Mas passa.

Uma vez morta e enterrada
a amada é esse punhado
de ossos e dentes
na minha palma.

Não adianta nada
comer com calma
as medulas que restam.
No entanto, todos os dias
chupo os dentes e suas cáries.

Já não têm o gosto
ácido da boca
e sua saliva, sua língua,
angústias e palavras;
cada um deles é uma coisa

como qualquer outra coisa.

FIM DA TRILHA

Não faça nada:
sente
nesta praça às margens
do mundo
e deixe
a dor cortar fundo.

Faca
in-su-por-tá-vel.

Eu tenho seguido suas pegadas
pelos caminhos mais gelados, amor.

– ABRE!

O OUTRO EM MIM

Presta atenção: a vida inteira
esperando que um dia alguém nos dê a mão.
Na juventude, para mim, era uma sombra feminina
que eu levava para todos os cantos, e amava.
Eu amava estonteantemente aquela menina.
Nunca veio, nunca virá, meu próprio espelho.
Estamos essencialmente sós neste mundo. Mas não tão
sós a ponto de poder fazer de cada momento
um momento sem qualquer desejo,
puro e pleno.

(ROMPER TODOS OS ESPELHOS)

SEM AMARRAS

O amor se faz, entre lágrimas e beijos, mas o gozo muito intenso surpreende, tem tal força que é bem mais que a triunfante satisfação da expectativa dos nossos desejos, dispensa paradoxalmente a presença da amada, o rosto delicado e adorado, o corpo com suas bocas adoradas, olhos, membros, beijos e abraços. Eu não acreditava, mas agora o outro deixa de ser, estou só, e o amor voa solto finalmente sem asas ou amarras.

Imperfeições do Sofrimento

DESPRENDIMENTOS

...

desolações extraordinárias.
tempestades
de carne; terremotos
nos ossos; tufões
no olho d'alma.

...

fome; erupções
vulcânicas; quedas das alturas
mais altas;
pragas.

...

a queda de cada máscara
com a cara + serena e calma

OLHO

De repente,
no meio do shopping
o impulso natural,
o súbito desejo
de ficar cego.

OCO

eu não sou o corpo físico;

sou o ar que respiro?

JÚBILO

Eu não sei de nada

Eu não consigo me lembrar

de nada

(era tudo memória)

ALHURES

Sinto de uma vez por todas que minha vida—a vida—acabou. Durou o suficiente, e foi muito, e foi bem vivida. Nos dias de hoje, os homens sobrevivem em muito ao apogeu físico e mental. O certo é morrer cedo, com menos de quarenta anos no máximo. Mas esta morte que a mim mesmo decreto não é física. Não, continuarei respirando o ar deste planeta, bebendo a água e me alimentando dos frutos da terra até que o corpo, por si só, defínhe e morra. Não fugirei tampouco dos avanços da medicina, dos remédios, das operações, dos transplantes, da quimioterapia. É preciso ser um homem de seu tempo, afinal. Essa minha vida que acaba é outra, mais íntima. Tudo que havia para ser visto já foi visto, tudo que havia para ser gozado já foi gozado. Não procurarei repetir, com um corpo cada vez mais decrepito, os prazeres que teve meu corpo jovem. Minha parcela de amor também já foi o suficiente. Renuncio ao nadar no rio do tempo, todos juntos em direção ao mar. Caio fora. Solto as mãos daqueles que comigo compartilhavam esse nosso tempo, a causa da geração, os infinitos diálogos e trocas com as pessoas que cruzaram e cruzam minha vida, as aventuras de todos os tipos, as viagens de todos os tipos, adeus às moedas, aos tigres, às areias. Enfim, a tudo que se apreende com olhos, ouvidos, tato; os sentidos. Essa é a vida que acabou, como alguém que sai do rio, levanta-se na margem sozinho, dá adeus e dirige-se para as montanhas azuis, lá no fundo. Isso origina uma nova vida. Mas que vida é essa, que começa? Aparentemente, nada mudou: corpo, cidade, linguagem. Mas no íntimo nada é mais fixo como antes. Tudo em volta lembra a morte. Nenhum poder é verdadeiro. A vida que começa é a vida de uma máscara vazia. Não, vazia não: um infinito repleto de luz.

Combustão

COMBUSTÃO

aét

as

p la vr a a s

s e

d e i v l sso m

MUDO

A linguagem é tudo
para o homem, não há mundo
fora dela, a linguagem
me recobre, e quando *forço*
a passagem, quando *forço*
o que em mim diz “não posso
mais”/ caio
fundo
poço
de silêncio murro:

MUDO

DEJETOS

O homem pensa, fala, e se é *algo*
é pela palavra.
Mas o SOLTO é mudo.
Todo esse *esforço de linguagem*:
mais próximo da página
do que supúnhamos.

Salto
da linguagem:
não-falo.

Como o fogo deixa cinzas,
deixo esses versos.

A poesia: dejetos.

CORTE

[]

*La vraie vie
est absente.*

] [

Mas onde
é isso?
Na Abissínia?
Na morte?

[EU NÃO VOLTO!]

] CORPO [

Partindo do princípio, eu desisto
dos meus pés, e subindo
eu desisto das minhas pernas.

Elas latejam e me fazem sentir vivo,
mas eu não quero mais sentir-me vivo.

Ao cortar o pau, prender nele uma pedra
até que penda para sempre, eu só penso
nos olhos de todas aquelas mulheres.

Eu entrego
ao fogo o mel dos olhos.

As emoções,
eu desisto delas todas, o coração limpo
ou não, eu desisto do coração, do umbigo
que me ligou à minha mãe, eu desisto da minha mãe

e de todas as palavras que usei
quando compreendi que era alguém, desisto de ser alguém

para ser oco, novo, fogo, ouro:

UM CORPO DEVORA O OUTRO

LUZ

quero sangue, sangue, de ouro
quero bosta, bosta, de ouro
quero porra, porra, de ouro
quero corpo, corpo, de ouro

sangue	bosta	porra	corpo
corpo	corpo	corpo	corpo
corpo	ouro	corpo	ouro
ouro	ouro	ouro	ouro

ouro	ouro	ouro	ouro
------	------	------	------

O Mundo Iluminado

Data 2

Saí para almoçar e, ao passar entre dois carros estacionados no meio-fio, vi uma menina de rua, já para lá de adolescente, cagando. Estava agachada, de cócoras, com a calça abaixada. Quando me viu, abriu o maior sorriso, e disse, “meu banheiro é aqui mesmo, moço”, sem por um instante parar de fazer o que fazia. Dava para ver, por entre o vão formado por suas pernas, a massa de merda no asfalto. Eu, que costumo me indignar com os dejetos de cães nas ruas, não me ofendi, e não me senti diante de um ato estranho ou transgressor. Rolou até uma certa e indiscutível sensualidade, um inconfundível apelo erótico, e por um momento pensei em parar para admirar a cena completa, até o fim. Retribui o sorriso dos seus olhos brincalhões e continuei passando—apenas um pouco surpreso com a total naturalidade de tudo.

Data 3

No meio da festa, precisei ir ao banheiro, mas ele estava ocupado por muito tempo. Quando a porta enfim se abriu, saiu de lá uma moça. Devia sofrer de prisão de ventre. Como a descarga era de mão, não funcionou direito, e na privada ficou afundado um cocô enorme, grosso. *E se eu o esfregasse no corpo, colocasse no bolso, comesse, como se fosse ouro?* Apoiado na parede, também não consegui dar a descarga, e saí. Do lado de fora esperava uma garota. Ela deu um meio-sorriso, e entrou. As pessoas também são intestinos. Quando a encontrei de novo, ela me abriu o mais cúmplice, o mais ambíguo, o mais convidativo dos sorrisos.

Outra Data

São bem piores do que as de Minas, essas latrinas de Uttar Pradesh. A câmera digital estava presa no cinto, me esqueci, e quando me abaixei ela deslizou para dentro da privada, inacreditavelmente suja, deixando apenas uma pontinha de alça para fora. Precisei pensar se puxava ou não. As fotos de toda a viagem, a *minha* câmera... Puxei... A mão toda suja, a máquina toda suja; a luz vazando por todos os lados!

Dasein 04.02.05

Acordo durante a noite para mijar e envolto em manchas de luz azul percebo que a alegria constante, livre de qualquer dor ou preocupação é possível e, na verdade, a verdadeira realidade. Volto para a cama me perguntando quando vou despertar deste sonho, deste nível de existência diversificada, e enfim penetrar na realidade real, a realidade azul do Ser—quando atravessarei a fronteira e começarei a existir de fato?

LÁPIS-LAZÚLI

Uma pergunta insiste no fundo da mente, até que, uma manhã, ele tem coragem de olhá-la de frente. Assim, como quem não quer nada, ele volta-se para si mesmo:

POR QUÊ A VIDA VALE A PENA SER VIVIDA?

Durante uma semana inteira, a pergunta vomitada do lado de fora, como se fosse um lápis-lazúli no meio do asfalto.

Ele foi se acostumando com a pedra. Ela não mordida, não queimava.

E a resposta veio sem dor:

A vida não vale a pena ser vivida. A vida não é. A Morte vale a pena ser vivida; a Morte, que mora dentro, AGORA – *cons-tan-te-pul-sar-de-êx-ta-se*. Não existe nada, lugar nenhum, pessoa alguma, que de fato exista.

Itinerário

O MURO

Quando adolescente, começou um esboço de narrativa que depois denominou *O muro*.

A confusa papelada tratava de narrar a história de um jovem sendo iniciado pela mão e pelo amor de uma fantástica menina de nove anos.

Fracassou. Mas lembro-me particularmente de um trecho de *O muro* (outros foram reciclados em alguns malsucedidos poemas em prosa) que me marcou por sua patética procura:

rinocerontes, cartuchos, caralhos
soteriologia, coisas & coisas, palavras...

ODYSSEUS

One day, taking a coffee break, he noticed a book someone had forgotten on a table. Surprised, he saw the book was written on his native language. He brought it to the kitchen and tried to read while working. But he didn't have a chance. At the end of the day he took the book home. He was excited.

It was the story of Odysseus and during the night, reading it in his room, he felt his heart being overwhelmed by beauty. He read all night long and the next day he didn't show up for work. Instead, he went for a walk with no directions. It was the beginning of spring and everything was beautiful, everyone looked happy. He was surprised he hadn't really noticed the spring before. He walked to a park in the top of a hill and sat down.

He stayed there for a long time. From there he could see the whole city and the suburbs. He remembered some passages of the book; the beauty of it had remained with him. He had a strange feeling; he felt his heart was so big he could fit the whole world in it. Suddenly he stood up and shouted: *I'm Odysseus!*

Poderia ser em succo: En dag under en kaffepaus lade han marke till en bok som någon hade glömt på ett bord. Till sin förvåning såg han att boken var skriven på hans eget modersmål. Han tog den med sig till köket och försökte läsa medan han arbetade. Men det gick inte alls. När dagen var slut tog han med sig boken hem. Han var entusiastisk. Det var berättelsen om Odysseus och under natten medan han läste boken i sitt rum, kände han att hans hjärta var överväldigat av dess skönhet. Han läste hela natten och nästa dag gick han inte till sitt arbete. Istället tog han en promenad utan mål. Våren hade just börjat och allt var väckert, alla såg lyckliga ut. Det förvånade honom att han inte lagt märke till våren tidigare. Han gick till en park på en kulle och satte sig ned. Han stannade där länge. Därifrån kunde han se hela staden och förstäderna. Han erinrade sig några avsnitt ur boken, dess skönhet hade förblivit hos honom. Han hade en underlig känsla, han kände att hans hjärta var så stort att det rymde hela världen. Plötsligt reste han sig upp och skrek: *Jag är Odysseus!*

ROSA AO CREPÚSCULO

Então vou escrever sobre essa moça sobre quem vou escrever.

Essa moça tem pernas e coxas e braços e, sobretudo, uma barriga. E dentro da barriga ela tem um estômago. E tudo isso me comove e me faz escrever sobre ela.

Porque escrever sobre ela é escrever sobre mim.

E eu rezo—eu rezo mesmo—para poder escrever sobre mim.

É que eu preciso, mas tenho medo.

Mas eu escrevo.

E escrevo sobre mim escrevendo sobre a moça.

Que sou eu.

Que nem nome tem.

Mas que tem cabelos e pernas, e cabelos nas pernas, e um calcanhar que dói depois de tanto andar no sapato vermelho de salto.

Meu Deus, ela é completa!

Ela tem um calcanhar.

E agora queria me ajoelhar e beijar seu calcanhar.

Seu calcanhar duro e machucado.

Ela é pobre.

Ela está no ponto de ônibus, parada.

São seis horas da tarde, mais ou menos.

Eu a encontro no ponto de ônibus, parada.

Eu sou um homem bonito.

Eu estou segurando uma pasta.

O dia está bonito e se acaba.

Há algumas pessoas no ponto de ônibus.

Ela dá um passo à frente, como se fosse averiguar se seu ônibus está chegando—mas é fingimento dela—e recua e vem a mim e pergunta se o Lapa já passou.

(Respiro aliviado.

Já escrevi o bastante para deixar de sentir angústia.)

Ela me perguntou isso e ficou lá, atrás dos seus olhos amarelos, esperando resposta.

SERVIÇO DE UTILIDADE PÚBLICA

O Serviço de Busca de Paradeiro da Cruz Vermelha Brasileira informa que as seguintes pessoas estão sendo procuradas por seus parentes. Informações podem ser fornecidas pelo telefone 2509-3552. Benedito Francisco Dias, de 78 anos, nascido em Nossa Senhora do Livramento, em Mato Grosso, está desaparecido desde 25 de dezembro de 1995. Edson Rosa da Silva, carioca, de 47 anos, desapareceu no Rio de Janeiro, em 1988. Veronica Deptulsky, cujos pais, Romualdo e Cecília, nasceram na colônia polonesa de Águia Branca, em Colatina, ES. João Araújo da Silva, 57 anos, paraibano de Aroeira, está desaparecido desde 1992. Ele é marceneiro e tem apelido de "Índio". Euclides Matta Pascoal, de 76 anos, desapareceu em 1950. Raimundo Ribeiro Ávila, de 59 anos, cearense. Em 1988 foi visto em Brasília. Bolival Pereira de Melo, que em 1961 trabalhou como telegrafista na Usina de Barreiros, em Pernambuco. Moisés Miranda, carioca, de 32 anos, saiu de casa dia 4 de abril de 1996 e desapareceu.

Alhures

07.04.05

As luzes azuis.

Percebo que a iluminação é menos um mergulhar (numa realidade maior) e mais um explodir de dentro para fora.

É uma pressão que vem de dentro.

Que me expulsa de mim mesmo.

A parte que resiste sou eu. É preciso permitir que essa outra energia (que não é o eu que estou acostumado a ser) tome posse.

ÍMPAR

nem homem, nem mulher, nem anjo,

nem cachorro, nem demônio

nada

que tenha par

estranho

e no entanto anda

e fala

ENCONTRO

Sempre, no quadro dos seus olhos,
procure o ângulo mais bonito,
mais distante, uma árvore
entre edifícios, nuvens
no infinito, o infinito;
o infinito

AQUI

PONTO DE LUZ AZUL

MORADA DO AMOR

NOTAS

O autor agradece aos editores dos periódicos nos quais os seguintes textos foram originalmente publicados:

“Deconstrução da amada”, *Tempo*, n. 6, Rio de Janeiro, abril, 2002;
e *Babel*, n. 5, Florianópolis, janeiro a dezembro, 2002.

“Sem amarras” e “Cego, surdo, mudo”, *Rascunho*, n. 25, ano 3, Curitiba, maio, 2002.

“O outro em mim”, caderno *MAIS!* Folha de São Paulo, São Paulo, 7 de setembro, 2003.

“Águas”, *Poesia Viva*, n. 29, Rio de Janeiro, setembro 2004.

“Combustão”, “Mudo”, “Dejetos”, “[Corte]” e “Corpo” em *Máquina do Mundo*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, maio, 2005.

<http://www.bestiario.com.br/maquinadomundo/>

No poema “Corte”, os versos *La vraie vie est absente* são de Rimbaud. Estão no poema em prosa “Délires I”, de *Une saison en enfer*.

A tradução de “Odysseus” para o sueco foi feita por Margareta Nyström.

“Serviço de Utilidade Pública” foi encontrado em meio aos classificados de *O Globo*, domingo, 26 de agosto de 2001.

Nascido em 1964, Renato Rezende abandonou seus estudos na USP no início da década de 1980 para aventurar-se pelo mundo, tendo percorrido toda a Europa e parte da América. No trajeto produziu centenas de desenhos, expostos em Sommerville, Boston e cidade do México. Formado em Estudos Hispânicos pela Universidade de Massachusetts, rejeitou bolsa de pós-graduação em Harvard para lançar-se novamente ao desconhecido. Estudou na Espanha e na Índia, tendo vivido diversos anos num ashram de Siddha Yoga. Como poeta publicou, entre outros, *Aura* (2AB, 1997), *Asa* (Velocípede, 1999), e *Passeio* (Record, 2001), com o qual recebeu a Bolsa da Fundação Biblioteca Nacional para obra em formação. Também é autor de *Memórias e curiosidades do bairro de Laranjeiras, Avenida Rio Branco – um projeto de futuro* e *Praça Tiradentes – do império às origens da cultura popular*. Tradutor de dezenas de livros e artigos de filosofia, história e arte contemporânea, além de poetas de língua inglesa e espanhola. Vive e trabalha no Rio de Janeiro.